

EDITORIAL**UMA FERRAMENTA PARA TODAS AS QUESTÕES DO SER HUMANO***Rodrigo Nóbrega Martins*

Na abertura desta edição, convém-nos refletir que a cada novo dia, uma enxurrada de más notícias desaba sobre nossas cabeças e deseja, ousadamente, enfrentar nosso mais ferrenho e aguerrido ânimo. As televisões noticiam a todo instante escândalos políticos, violências de toda sorte, abusos de todas as naturezas e absurdos diversos com os quais não nos habituamos, mas toleramos em nosso cotidiano.

Não raro, verificamos o vizinho, o amigo, o colega do trabalho; nossos familiares e nós próprios descrentes de que o futuro nos seja mais brando, mais promissor, mais esperançoso. Convém ressaltar que em outros tempos, aqueles que nos precederam também enfrentaram situações difíceis, muitas delas desanimadoras. Com isso sofreram, contra isso lutaram e não foram poucos os que morreram frustrados.

‘Os tempos estão bicudos’, expressão muito utilizada, particularmente na década de 20, significava que as dificuldades presentes naquele momento eram

realmente desafiadoras. Da mesma forma, hoje os tempos estão bicudos. Parece-nos que as tecnologias, os computadores, a internet, os *smartphones*, tudo o que veio e ainda virá moderniza, mas não ameniza nosso estado coletivo de desigualdade, de violência, de rupturas diversas. A despeito de todos esses avanços, sofre-se. E sofre-se muito. Morre-se de fome, de sede, de frio. Morre-se ao abandono. Vive-se à míngua, miseravelmente. Sobrevive-se. Sobrevivemos...

Somos refinadamente indiferentes e individualisticamente tecnológicos. Ato contínuo: a cada dia surgem novas doenças, novos complexos, outras síndromes: do pânico, do sexo, de perseguição; a normose, as depressões, as dispneias. Um rol vastíssimo de enfermidades juntam-se às drogas lícitas e ilícitas e estas à obesidade, à bulimia, à anorexia. Juntam-se aí a inveja, a cupidez, a falácia, a ganância doentia; o egoísmo, o orgulho e as vaidades desmedidas. Todo esse aglomerado quer nos dizer algo que

insistimos em ignorar, por mais claro que possa ser. Passou a hora de nos preocuparmos com o amor incondicional como bem coletivo, como tesouro individual, com qualidade de vida no sentido mais elástico que a expressão possa ter.

Precisamos despertar. Urge que despertemos, sobretudo porque nesse mister estamos muito atrasados. Dormimos no egoísmo. Repousamos quando a dor dilacera irmãos, amigos, semelhantes.

O egoísmo do qual somos portadores nos faz pré-históricos. Somos os indivíduos dos famosos roteiros de filmes de terror; brincamos de apertar este ou aquele botão, regozijando-se de mudar o canal da TV sem se levantar do sofá, enquanto à nossa volta a desigualdade gera exclusão, que gera revolta, que produz o marginal, que será novamente excluído, num círculo viciosamente macabro em que todos perdem.

Mas o amor incondicional é o condão, com o qual se pode tocar,

viver e sentir, verdadeiramente, o indivíduo, o ser humano. O amor, além de eficiente preventivo contra o obscurantismo, contra o flagelo, contra o medo, contra a desigualdade; contra a marginalização e o separatismo, também afigura-se com remédio, agindo diretamente sobre as feridas humanas já abertas até o presente momento, sendo-nos um sopro de esperança porque nos faz vislumbrar novos horizontes; faz-nos enxergar novas possibilidades de mudança, de progresso, de melhoramento do indivíduo diante de si mesmo, como diante da sociedade.

E não existe aquele que, de uma maneira ou de outra, não queira progredir, melhorar, avançar, crescer, aprender, não importa em que situação esteja.